



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**TALYTTA REBECA ARAÚJO RODRIGUES GALDINO**

**SUSTENTABILIDADE, CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E  
DESENVOLVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DE UMA  
ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO ESTADO DA PARAÍBA**

**JOÃO PESSOA – PB  
2013**

**TALYTTA REBECA ARAÚJO RODRIGUES GALDINO**

**SUSTENTABILIDADE, CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E  
DESENVOLVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DE UMA  
ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO ESTADO DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Ciências Biológicas da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à  
exigência para obtenção do grau de  
Bacharel em Ciências Biológicas

Orientador (a): Prof. Dr.Vancarder Brito  
Sousa

JOÃO PESSOA – PB  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

G149s Galdino , Talytta Rebeca Araújo Rodrigues.  
Sustentabilidade, conservação ambiental e desenvolvimento  
sob a perspectiva de uma organização social no Estado da Paraíba /  
Talytta Rebeca Araújo Rodrigues Galdino. – 2013.  
37f.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências  
Biológicas) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Ciências  
Biológicas, 2013.  
“Orientação: Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa, Curso de  
Ciências Biológicas”.

1. Desenvolvimento Sustentável. 2. Associativismo. 3.  
Conservação ambiental. I. Título.

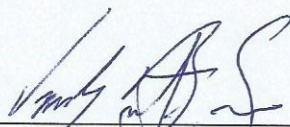
21. ed. CDD 577

TALYTТА REBECA ARAÚJO RODRIGUES GALDINO

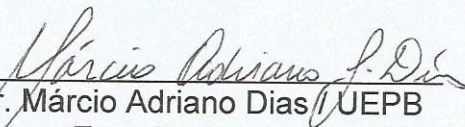
**SUSTENTABILIDADE, CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E  
DESENVOLVIMENTO SOB A PERSPECTIVA DE UMA  
ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO ESTADO DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
**em Ciências Biológicas** da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Ciências Biológicas.

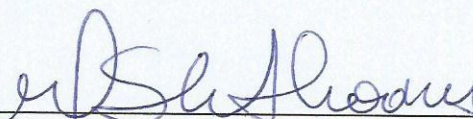
Aprovada em 02 de Setembro de 2013.



Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa / UEPB  
Orientador



Prof. Dr. Márcio Adriano Dias / UEPB  
Examinador



Profª Me. Martha Simone Cavalcanti Amorim Soares / UEPB  
Examinadora

## RESUMO

Este trabalho objetivou analisar a perspectiva de conservação e sustentabilidade da Associação Mãos Que Se Ajudam – compreender a ideia de desenvolvimento local da Associação. Localizada em Lucena-PB. A referida Associação foi fundada em 2003 e conta com 46 membros. Uma das acepções mais aceitas atualmente sobre a noção de desenvolvimento sustentável é a que o define pela capacidade de garantir o desenvolvimento socioeconômico do indivíduo que vive nas cidades ou no campo aliado a preservação ambiental e à perspectiva de garantir que as futuras gerações tenham as mesmas oportunidades. A obtenção de dados eco sociológicos foi feita através de entrevistas semi-estruturadas, rodas de conversa e técnicas de observação direta. Constatou-se que a Associação busca o desenvolvimento de um grupo de mulheres de forma sustentável utilizando o coco como produto de subsistência. Após passar por diversos processos de arranjo institucional, hoje a Associação encontra-se voltada para a produção de doces e artesanato a partir do coco que é um fruto abundante na região, além de desenvolver trabalhos sociais na comunidade. As associações podem ser entendidas como uma organização autônoma, democraticamente gerida por pessoas que se unem, voluntariamente para satisfazer suas necessidades econômicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Associativismo, Desenvolvimento Sustentável. Desenvolvimento Comunitário. Associação Mãos Que Se Ajudam.

## ABSTRACT

This work aimed to analyze the prospect of conservation and sustainability of Hands Association What If They help - understand the idea local development of the Association. Located in Lucena-PB. The referred Association was founded in 2003 and account with 46 members. One of acceptations more currently accepted about the notion of development sustainable is the that the defines by the ability to ensure the development socioeconomic of the individual who lives in cities or the Allied camp environmental preservation and the prospect of ensure that future generations have the same opportunities . Obtaining data eco sociological was made through interviews semi-structured, wheels conversation and direct observation techniques. It was found that the Association seeks the development of a group of women sustainably using the coconut as a product of subsistence. After passing by several processes of institutional arrangement, today the Association finds-if geared for the production of sweets and crafts from the coconut which is a fruit abundant in the region, besides developing works social in the community. The associations can be understood as an autonomous organization, democratically managed by people who unite, voluntarily to meet their economic needs.

**KEYWORDS:** Associativism. Sustainable Development. Community Development. Hands Association What If They help.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ACI</b>	Aliança Cooperativista Internacional
<b>E S</b>	Economia Solidária
<b>IDH</b>	Índice de Desenvolvimento Humano
<b>OCB</b>	Organização das Cooperativas Brasileiras
<b>PNUMA</b>	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
<b>SEBRAE</b>	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>UFERSA</b>	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	9
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo Principal	11
1.1.2 Objetivos Específicos	11
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	11
2.1 A QUESTÃO AMBIENTAL	11
2.2 DESENVOLVIMENTO SOCIAL, SUSTENTÁVEL OU ECONÔMICO	13
2.3 ASSOCIATIVISMO, COOPERATIVISMO E MEDIDAS PARTICIPATIVAS NA ECONOMIA	15
<b>3. METODOLOGIA</b>	18
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	19
4.1 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO	19
4.2 ASSOCIAÇÕES OU COOPERATIVAS	21
4.3 A QUESTÃO AMBIENTAL	22
4.4 A ASSOCIAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DAS ASSOCIADAS	24
4.4.1 Visão Política das Associadas	25
4.4.2 Como as Associadas Veem os Projetos Sociais?	26
4.4.3 Questão Financeira e Trabalhista	27
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	29
<b>REFERÊNCIAS</b>	30
<b>ANEXOS</b>	35



## 1. INTRODUÇÃO

Após a Revolução Industrial, diversos fatores agravaram a degradação ambiental, dentre eles estão o consumismo desenfreado que gera cada vez mais lixo em menos tempo e a demanda cada vez maior de recursos, o crescimento da população e a sua migração das áreas rural para a urbana em busca de melhores condições de vida ocasionando habitações em áreas impróprias ou irregulares, poluição e degradação de áreas naturais, prejudicando ainda mais o meio ambiente.

Martinet e Reynaud (2004) afirmam que o homem faz parte de um ecossistema e que, portanto, é influenciado e influencia direta e indiretamente o meio ambiente e ainda, que a Terra, possui aproximadamente seis bilhões de habitantes e não possui condições de proporcionar para todos estes indivíduos o padrão de vida dos ocidentais dos países mais desenvolvidos. Se todos os seis bilhões de habitantes buscassem ascender a este padrão de vida, somente 700 milhões conseguiriam ser satisfeitos. E isso agrava as desigualdades sociais no mundo, visto que nem todos podem ser satisfeitos e também devido á exploração e a falta de equidade distributiva.

Arkouf (2004) afirma que as desigualdades em termos de distribuição de renda, entre as populações dos países do Norte e os países do Sul, têm crescido exponencialmente, ocasionando profundas diferenças nos padrões de vida das populações desses países. A busca por crescimento econômico é unânime entre os países, e para conseguir a ascensão econômica, tais países poluem, destroem e degradam os recursos ambientais, uma vez que um ecossistema finito não pode ser gerido por necessidades infinitas.

Emerge então a necessidade de propor um modelo de desenvolvimento que possa suprir as necessidades do presente sem por em risco as gerações futuras. Medidas capazes de serem suportadas pelo ecossistema e que respeitem a capacidade de resiliência do ambiente. Nasce assim a ideia de desenvolvimento Sustentável.

A definição mais conhecida de desenvolvimento sustentável vem do Relatório de Brundtland<sup>1</sup> e o define como “a forma como as atuais gerações satisfazem as suas necessidades sem comprometer a capacidade de gerações futuras

---

<sup>1</sup> Também chamado Nosso Futuro Comum (Our Common Future) é o documento final da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, promovida pela ONU, em 1980.

satisfazerem as suas”. (BRUNDTLAND *apud* SCHARF, 2004, pag.19). Para Elkington (2001), inicialmente o conceito de desenvolvimento sustentável é entendido como a harmonia entre a questão financeira e ambiental. Como o casamento entre o desenvolvimento e a preservação ambiental. Consiste na capacidade de poder garantir subsistência ao homem, e gerar desenvolvimento sem prejudicar o meio ambiente, retirando dele apenas o essencial para o desenvolvimento de suas atividades.

Pensando assim, diversas organizações não governamentais têm surgido no Brasil a fim de levar desenvolvimento às comunidades que desempenham suas atividades a partir dos recursos ambientais. Mas para obter desenvolvimento de forma sustentável, não basta ter consciência e preservar o meio ambiente. É necessário transformar esse sistema linear que se fundamenta na produção, no consumo e no despejo, em algo novo onde todas as etapas desse sistema se unam para que não sejam desperdiçados recursos ou pessoas. Para tanto, é preciso inovar e propor medidas e atividades sustentáveis.

Segundo Rossini e Martinelli (s/d) o desenvolvimento só é considerado eficiente se este se firmar em desenvolvimento humano, social e sustentável, pois, quando se fala em desenvolvimento, deve-se estar buscando a melhoria da vida das pessoas e da sociedade como um todo, sempre com a preocupação com o presente e com o futuro. Não se pensa apenas na economia, mas na qualidade de vida do indivíduo. Pensando assim, surge a Economia solidária como sendo um refúgio onde as organizações comunitárias se unem e partilhando princípios de coletividade produzem bens para sua sobrevivência. Uma das expressões desse modelo de economia são as organizações associativistas como cooperativas e associações, as quais objetivam promover à comunidade emprego e renda, baseada no cooperativismo e na promoção mútua.

A Associação “Mãos que se Ajudam” com sede na cidade de Lucena-PB, é uma dessas organizações que, baseada na cooperação, e com o objetivo de gerar emprego e renda a comunidade local, foi fundada em agosto de 2003 com um grupo de 22 mulheres que se reuniram para fazer cocadas simples e artesanatos.

Como o coco é abundante na região e pode ser utilizado para diversos fins e ainda constitui-se na mais importante das culturas perenes possíveis de gerar um sistema auto sustentável de exploração (como provam vários países que a cultivam),

esse grupo de mulheres resolveu utilizar este recurso natural como fonte de renda. Como apenas duas mulheres sabiam fazer o doce uma foi ajudando a outra e assim surgiu a Associação.

Vendo que a produção não era suficiente para satisfazer as suas necessidades e os valores obtidos pelo seu trabalho não eram gratificantes, a Associação resolveu inovar criando a “Cocada na Kenga” - um doce do coco embalado na própria quenga do coco, e assim, este produto característico do Nordeste tornou-se conhecido e a Associação Mãos que se Ajudam famosa por sua inovação e incentivo a sustentabilidade.

## 1.1 OBJETIVOS:

### 1.1.1 Objetivo Principal:

Compreender a perspectiva de conservação e sustentabilidade da Associação Mãos Que Se Ajudam.

### 1.1.2 Objetivos Específicos:

- Avaliar a ideia e os benefícios do desenvolvimento local frente a Associação e a comunidade.
- Analisar os efeitos da proposta Associativista na Associação.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO:

### 2.1 A QUESTÃO AMBIENTAL

A crise ambiental não surgiu de uma hora para outra e nem é tão recente, para Sirvinskas (2005, pag. 23) “ela aumentou após período da Revolução Industrial, pois também aumentaram as agressões à natureza”. Os métodos de produção artesanais foram substituídos por máquinas e as necessidades de consumo da população aumentaram à medida que novas mercadorias foram sendo produzidas. As chaminés das máquinas lançavam no ar cada vez mais poluentes e requeriam mais matéria prima para a produção que só crescia.

A crise ambiental não demorou a aparecer e a preocupação com a preservação agora se torna evidente. O primeiro alerta apareceu quando a crise

ambiental surgiu em 1951 quando Rachel Carson publicou “Primavera Silenciosa” onde a autora alertava acerca dos efeitos danosos das ações humanas sobre o ambiente. No fim desta década surge o Clube de Roma que em 1972 produziu o relatório “Os Limites do Crescimento Econômico” que focava na redução do consumo. Neste mesmo ano houve a Conferência das Nações sobre o Ambiente Humano em Estocolmo, onde surgiu a Declaração sobre o Ambiente Humano (Declaração de Estocolmo). Ainda como resultado da Conferência de Estocolmo, neste mesmo ano a ONU criou um organismo denominado Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA. A partir daí começaram a surgir diversas organizações não governamentais ambientalistas. Em 1987 o conceito de desenvolvimento sustentável se torna conhecido com o Relatório Brundtland, o qual foi elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, o Relatório mostra a incompatibilidade entre desenvolvimento sustentável e os padrões de produção e consumo. Conforme Nobre & Amazonas *apud* Estender e Pitta (s/d):

O pensamento que se ressaltou durante a Comissão de Brundtland, foi abordado pelo secretário Jim Macniell, que destacou que a capacidade de regeneração dos recursos naturais se tornava comprometida, em função do seu consumo de forma desenfreada.

De acordo com Elkington (2001, pag.74), “dez anos após a Comissão, viu-se que somente as questões ambientais - que tanto afligiam a sociedade e o meio organizacional - não resolveriam os problemas de uma economia global sustentável”. Seria necessário atingir outros meios para se conseguir a sustentabilidade. HART *apud* ELKINGTON, (2001, pag.74) afirma que “aqueles que pensam ser a sustentabilidade somente uma questão de controle de poluição, não estão vendo o quadro completo”. A questão ambiental não abrange apenas alterações no meio ambiente “É uma questão de vida ou morte, não apenas de animais e plantas, mas do próprio homem e do planeta que o abriga” (MILARÉ, 2005, pag.50). Em 1992, na cidade do Rio de Janeiro em uma Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento é aprovada a Agenda 21 com o objetivo de buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a preservação do meio ambiente. Em outras palavras nesta conferência estava-se buscando o desenvolvimento sustentável para se chegar a sustentabilidade.

Para Silva (2005, pag. 13):

As diferenças entre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável afloram não como uma questão dicotômica, mas como um processo em que o primeiro se relaciona com o fim, ou objetivo maior; e o segundo como meio. Todavia, esta distinção está imersa em uma discussão ideológica que se insere em pensar algo para o futuro ou em se preocupar com ações presentes e impactos no futuro. O foco principal, ao se discursar e se preocupar com a sustentabilidade, está na vinculação do tema ao lugar a que se pretende chegar; enquanto, com o desenvolvimento, o foco está em como se pretende chegar.

[...] o presente para o processo de desenvolvimento e o futuro para a sustentabilidade. São noções, na realidade, não contraditórias, mas complementares e fundamentais para posicionar os grupos de discussão.

Para Sirvinskas (2005, pag.6) “essa conciliação será possível com a utilização racional dos recursos naturais, sem, contudo, causar poluição ao meio ambiente”. Diante deste discurso surge uma questão que tentaremos explicar neste trabalho: é possível desenvolver-se de forma coordenada para que as futuras gerações desfrutem de um meio ambiente sadio e equilibrado como propõem o artigo 225 § 1º ao 6º da Constituição federal de 1988?

## 2.2 DESENVOLVIMENTO SOCIAL, SUSTENTÁVEL OU ECONÔMICO?

Quando falamos em desenvolvimento sempre remetemos à ideia de economia, porque dentro do conceito de desenvolvimento, uma nação só se desenvolve quando sua economia cresce. De acordo com Dias, 2003 *apud* Mendonça (2004 pag.34) “O desenvolvimento econômico vem sempre acompanhado do crescimento econômico, embora o crescimento não implique, necessariamente, em desenvolvimento”. Pois o crescimento trata do aumento do PIB e desenvolvimento de qualidade de vida.

De acordo com Oliveira (2002, pag.46) “Até bem pouco tempo, os países e regiões eram classificados entre ricos e pobres, usando-se para isso, exclusivamente, as variações do PIB, sem ao menos tentar medir a qualidade de vida dos habitantes”. Esse parâmetro leva em conta apenas a economia. Sendo assim, para uma nação ser bem desenvolvida as pessoas deveriam consumir muito, mesmo que não necessitassem de alguns produtos. Pois comprando, conseqüentemente produziram mais e estariam elevando o PIB da nação.

Contudo, o desenvolvimento econômico não é sinônimo de crescimento econômico, mesmo que para haver um o outro deva coexistir. Este tipo de desenvolvimento deve produzir mudanças significativas na comunidade local.

Em economias atrasadas, desenvolvimento econômico não pode nem deve ser confundido com crescimento econômico [...] Desenvolvimento em economias atrasadas requer crescimento sustentado, acompanhado de transformações da estrutura produtiva simultaneamente compatíveis com a evolução do mercado interno e com as oportunidades no comércio internacional. Muito além de assegurar estabilidade monetária, o papel essencial da política econômica é criar as condições para viabilizar essas transformações estruturais (Kupfer, 2006 *Apud* in Vanconcellos, 2007, pag. 101).

De acordo com O artigo 21 da Constituição Federal/88, no seu inciso IX, estabelece que compete à União "elaborar e executar planos nacionais e regionais de ordenação do território e de desenvolvimento econômico e social" (Brasil, 1988). Ou seja, é função do estado promover planos que gerem o desenvolvimento econômico e este deve ser acompanhado de desenvolvimento social.

Segundo Adams (1990 *apud* BURNS, *op. cit.*, pag.163):

O desenvolvimento deveria ser o que as comunidades fazem a si mesmas. Na prática, entretanto, ele é o que os estados e seus banqueiros e agentes especializados fazem a essas comunidades, em nome da modernidade, integração nacional, crescimento econômico ou mil outros chavões.

A partir de 1970 alguns estudiosos começaram a considerar o conceito do desenvolvimento e viram que apenas o crescimento econômico não seria suficiente para avaliá-lo. Então eles incluíram o fator social a análise do desenvolvimento. Uma vez que o PIB não mostra os níveis de pobreza, criminalidade, violência, fome, miséria, saúde e educação em seus índices e as atividades domésticas e voluntárias estariam excluídas dessa taxa.

De acordo com Rossini e Martinelli (s/d) nos últimos tempos o conceito de desenvolvimento tem mudado. E isso ocorreu graças ao avanço da tecnologia. O indicador do desenvolvimento passou a ser o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o qual se fundamenta em um tripé composto pela educação - avalia a taxa de alfabetização; longevidade - analisa as condições de saúde e salubridade e por isso é um bom indicador da saúde, salubridade e condições sociais; a renda- baseia-se na produção de uma localidade, ou seja, no PIB.

Sendo assim, o desenvolvimento tem a ver com a possibilidade das pessoas viverem o tipo de vida que escolheram utilizando os instrumentos e oportunidades que optaram e com condições físicas e sociais para fazê-lo. Baseado neste índice, o desenvolvimento deve refletir o progresso da sociedade em todas as dimensões e não apenas na economia. Pois o desenvolvimento deve levar em conta a melhoria de vida e não apenas o potencial econômico.

Segundo Milani (2005) “O desenvolvimento local pressupõe uma transformação consciente da realidade local”. A comunidade deve seguir o curso do desenvolvimento, sem mudanças para a melhoria da qualidade de vida não há desenvolvimento.

De acordo com estudos feitos por Labergalini e Barbosa (s/d) a presença de cooperativas em comunidades gera desenvolvimento local. Uma vez que elas geram emprego e evitam o êxodo rural em economias mais frágeis.

As cooperativas possuem a missão de assegurar o desenvolvimento sustentável, além de possuir fortes ligações com a economia podendo ser um agente transformador desta, conforme será visto no tópico seguinte.

### 2.3 ASSOCIATIVISMO, COOPERATIVISMO E MEDIDAS PARTICIPATIVAS NA ECONOMIA

O modelo econômico centralizado e privado, que não produz desenvolvimento comunitário, era a única forma atuante na economia antes do surgimento das cooperativas. As quais, surgiram como uma forma de reivindicação e protesto, por condições melhores de trabalho e descentralização econômica, através de um conjunto de ações coletivas feitas por organizações sociais visando o benefício comum.

De acordo com o fórum brasileiro de Economia Solidária:

Economia Solidária é fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

A economia solidária surge como uma forma dos trabalhadores desenvolverem as atividades econômicas para sua sobrevivência baseados nos

princípios cooperativistas, onde o capital gerado é distribuído e partilhado entre seus membros. Dessa forma, os lucros da produção são revertidos para os próprios trabalhadores. “Economia Solidária surge no espaço intermediário entre Estado, mercado e setor informal, através das comunidades e redes que exercem um papel político e social, não apenas econômico” (Oliveira *apud* Freitas e Vilpoux,(s/d)<sup>2</sup>. Neste modelo econômico não importa apenas a questão financeira, mas a social.

Uma das formas de expressão da economia solidária é o associativismo, que visa a autocooperação e a promoção coletiva. Ainda segundo a obra de Oliveira (2005, pag. 32) “O associativismo contempla diversas modalidades de organização tais como: o sindicalismo, o cooperativismo, as organizações não-governamentais, as associações de bairro, os movimentos sociais, dentre outros”.

Podemos definir o associativismo como uma organização que tem como finalidade conseguir benefícios comuns para seus associados por meio de ações coletivas. Como afirma o Instituto Ecológica, (2007):

Um tipo de organização associativa é a Associação, ela pode ser formada por um grupo de duas ou mais pessoas que se organizam para defender seus interesses comuns, sem fins lucrativos e com personalidade jurídica.

Tal organização tem como principio a adesão voluntária e livre- onde as pessoas são livres para entrar ou sair; gestão democrática pelos sócios- os membros participam no estabelecimento de suas políticas e na tomada de decisões; participação econômica dos sócios- cada um tem o dever de contribuir economicamente com a Associação; autonomia de independência- A Associação é livre e independente para tomar decisões; educação, formação e informação- os membros têm direito a formação e a educação; interação; interesse pela comunidade. Neste modelo os membros são livres para tomar decisões e propor medidas que visem o crescimento coletivo, para isso eles se envolvem economicamente, educacionalmente e profissionalmente. “Nas comunidades a participação, a solidariedade, a cooperação em torno de objetivos comuns, têm sido fundamentais para assegurar melhores condições de vida. Essa prática, mais do que uma forma de organização, é uma construção e uma conquista social” (UFERSA, s/d).

Conforme Simão e Bandeira (s/d) “o cooperativismo é uma evolução do termo associativismo, o qual surgiu nas sociedades mais remotas pela necessidade de se



encontrar soluções para ameaças e problemas comuns a diversos grupos de pessoas”.

Segundo o Groupement National de la Coopération (2006), “as cooperativas integram, no conjunto da sua estratégia, a proteção do ambiente”. Segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), o cooperativismo como empreendimento sócio econômico aconteceu em 1844 na cidade de Rochdale próximo a Manchester na Inglaterra, a partir da constituição de uma Associação livre de trabalhadores por um grupo de tecelões que sob a ameaça de serem substituídos pelas máquinas a vapor e com o agravamento da extrema miséria da classe operária buscaram uma alternativa de trabalho e sobrevivência. A partir de 1860 essa experiência se multiplicou vertiginosamente e em 1881 já existiam mil cooperativas de consumo e aproximadamente 550 mil cooperados.

Existem diversas informações quanto ao nascimento do cooperativismo no Brasil, de acordo com o Manual do Dirigente Cooperativista (2001, pag.5) “o cooperativismo surgiu com os padres jesuítas no século XVII nas regiões Oeste de Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. Por 150 anos esse modelo foi um exemplo de sociedade solidária, fundamentada no trabalho coletivo e onde o interesse do bem estar do indivíduo se sobrepunha ao econômico. A iniciação cooperativista formalmente surgiu no final do século XIX, onde diversas classes profissionais entre funcionários públicos, profissionais liberais e operários passaram a adotar o modelo cooperativista para defesa dos seus interesses junto ao mercado. Em 1902 surgiram as primeiras cooperativas de crédito no Rio Grande do Sul e logo em seguida, em 1906, surgiram às primeiras cooperativas agropecuárias idealizadas por produtores rurais, as quais mais tarde propagaram-se por diversos estados do Brasil.

De acordo com Simão e Bandeira (s/d, pag. 6) a primeira definição oficial para o termo cooperativa surgiu em Manchester no ano de 1955 durante um congresso da Aliança Cooperativista Internacional (A.C.I.) e foi definido como:

Uma Associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida.

Neste mesmo evento foram definidos os valores cooperativistas, os quais se baseiam na auto-ajuda, responsabilidade própria, democracia, igualdade, equidade e solidariedade.

Segundo Arizipe (1997 *apud* MENDONÇA, 2004, pag. 19) valores como a cooperação, confiança, etnicidade, identidade, comunidade e amizade são necessários para que haja desenvolvimento. E mesmo que a comunidade não possua recursos financeiros para se desenvolver economicamente, ela possui capital social, isto inclui valores partilhados, cultura, tradições, saber acumulado, redes de solidariedade e confiança (KLIKISBERG, 1990 *apud* Mendonça, 2004, pag. 46). Bordenave (op. Cit., pag.25) diz que uma sociedade participativa é aquela em que todos os cidadãos têm parte na produção, administração e uso dos bens de maneira equitativa. Essa é uma premissa das cooperativas; participação, administração comunitária e equidade distributiva dos recursos.

As cooperativas representam um enorme motor na economia de uma localidade. Um motor onde deve haver igualdade, participação e onde os recursos são distribuídos de forma justa e igualitária, diferentemente das grandes empresas, onde os trabalhadores geram cada vez mais recursos para uma pequena parte da empresa, neste modelo econômico, todos devem crescer juntos.

### **3. METODOLOGIA:**

O trabalho foi desenvolvido com a Associação Mãos Que Se Ajudam que fica localizada na cidade de Lucena/Paraíba no período de agosto de 2011 a Julho de 2013. LAKATOS & MARCONI (2001) classificam método como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que ajudam o alcance de objetivos, construindo um caminho, detectando possíveis erros e auxiliando o pesquisador a tomar decisões. A metodologia do presente trabalho é quali-quantitativa.

De acordo com DENZIN & LINCOLN (1994, pag.2) “a pesquisa qualitativa possui muitas metodologias quanto ao seu foco, envolvendo abordagens interpretativas e naturalísticas dos assuntos”. Este tipo de pesquisa analisa o ambiente e o pesquisador interpreta os fatos a partir do que as pessoas lhe afirmam nas entrevistas, uma vez que, esta é sua fonte de dados e informações.

A presente pesquisa foi desenvolvida em duas fases. Na primeira foram realizados acompanhamento das atividades desenvolvidas pela Associação (produção de doces, produção de artesanato, doações de cestas básicas e ensino de artesanato e pintura com crianças) e levantamento bibliográfico, o qual continuou

por toda a pesquisa. Na segunda fase foram feitas oito entrevistas semi-estruturadas com os membros participantes da Associação e duas com a diretoria. Conforme roteiro em anexo.

Para Manzini (1991, pag. 154), a entrevista semi-estruturada baseia-se em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, contudo, outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista podem ser acrescentadas. No presente trabalho as entrevistas foram transcritas.

Além disso, foram feitas duas rodas de conversas e conversas em profundidade com um grupo focal. As conversas foram gravadas e transcritas. De acordo com Boni e Quaresma 2005:

As entrevistas com grupos focais é uma técnica de coleta de dados cujo objetivo principal é estimular os participantes a discutir sobre um assunto de interesse comum, ela se apresenta como um debate aberto sobre um tema. (Boni; Quaresma, 2005 pag.73)

Essas conversas informais permitiram que os atores falassem com mais liberdade, uma vez que as entrevistas denotam investigações; nestas conversas as pessoas se sentem a vontade. Após essas conversas foram tomadas “notas” das falas de cada uma, as quais fizeram parte na discussão do trabalho.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### **4.1 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO.**

Neste tópico é possível conhecer a Associação Mãos Que Se Ajudam, sua história e características peculiares. A referida Associação surgiu em agosto de 2003 com 22 mulheres fazendo cocadas e artesanato. Segundo um membro da Associação<sup>3</sup>:

A Associação mãos que se ajudam surgiu de uma ideia de Mauricéia [um membro da Associação] em 2002 quando ela viu várias mulheres sentadas em suas portas sem fazer nada e nem ter renda alguma. Então ela sentiu a necessidade de criar algo para tirar essas mulheres de suas casas e gerar renda. (Entrevista concedida a autora em julho de 2012)

---

<sup>3</sup> Foi feita uma opção metodológica de não revelar os nomes dos informantes.

De acordo com outras informações obtidas nas entrevistas a Associação teve início no quintal da casa de um membro da diretoria, com as mulheres fazendo cocada que é um subproduto do coco- fruto abundante na região.

A matéria-prima foi retirada de um sítio pertencente à Ana<sup>4</sup>. Ao final de três meses vendendo cocadas sob o sol escaldante, o grupo conseguiu arrecadar apenas R\$157; a unidade da cocada era vendida a R\$0,10. “Começamos com seis quilos de açúcar doados e a boa vontade, só isso”. (SINÉSIO, 2012)

A partir daí a organização começou a crescer. Existem 15 membros que trabalham na Associação diariamente e 31 que comparecem apenas nas sessões<sup>5</sup> (reuniões registradas em ata com os membros, onde são tomadas as decisões e feitas as eleições da Associação). De acordo com as seis mulheres presentes no grupo focal realizado em julho de 2013, elas possuem uma carga horária que varia de 40 horas semanais em épocas de pouca produção que acontece nos meses de julho a novembro e 64 horas semanais em períodos de alta demanda de produtos que compreende os meses de dezembro a junho devido à grande quantidade de turistas na região. Estas horas estão distribuídas em quatro dias por semana dependendo da quantidade de cocadas para produzir e ficam registrados em um caderno de ponto.

Associação é dividida em alguns segmentos que incluem a produção de um doce que é o “carro chefe” e produção de artesanato, além de realizar trabalhos sociais que inclui aulas a crianças carentes da região, bazar e distribuição de cestas básicas.

O setor do artesanato conta com seis mulheres. Mesmo contando com incentivos financeiros advindos do Sebrae-PB que envia alguns designs nacionais para ensinar novas técnicas de artesanato e moda, a área de artesanato ainda é deficiente e não tem muito lucro. Uma das artesãs afirmou: “é muito difícil, a gente trabalha muito e ganha pouco, às vezes só dá uns R\$ 38,00 para cada uma”(entrevista concedida a autora em julho de 2013).

A “cocada na kenga” que é o setor mais produtivo da Associação conta com dez mulheres que se distribuem na divisão do trabalho que consiste em raspar o

---

<sup>4</sup> Nome falso devido a opção metodológica.

<sup>5</sup> Dentre os 46 membros nem todos trabalham ativamente na Associação e por isso são chamados neste trabalho de “membros não atuantes”. Os “membros atuantes” são aqueles que trabalham frequentemente, ou seja, no mínimo 4 vezes por semana.

coco, lavar as quengas, fazer o doce, embalar e contabilizar as cocadas. Esta, conta ainda com dois administradores, um entregador-vendedor e um contador. As que trabalham na cocada possuem condições de trabalho extremas, uma vez que o calor é insuportável devido ao vapor das panelas, e em caso de acidentes de trabalho o custo é por conta própria da acidentada e esta, em caso de doenças, não tem direito a receber o salário referente ao dia que faltou.

De acordo com um membro da diretoria da Associação “todo o lucro da produção é dividido entre as associadas e cada associado contribui com 5,00 reais mensais para as despesas da Associação além de 10% das vendas das cocadas”.

#### 4.2 ASSOCIAÇÕES OU COOPERATIVAS?

De acordo com Torres (2008, pag.39):

“[...] o incentivo à formação dos empreendimentos familiares de pequeno porte e de grupos associativistas pode ser um caminho para o alcance do desenvolvimento sustentável com inclusão social nas nações menos desenvolvidas”.

“[...] várias mulheres sentadas em suas portas sem fazer nada e nem ter renda alguma” (entrevista concedida a autora em julho de 2012).

Conforme visto o agente motivador para o surgimento da Associação Mãos Que Se Ajudam foi a geração de emprego e renda, uma vez que as organizações associativistas são um meio de inclusão social através da geração de empregos.

De acordo com Iron (1997) as associações e cooperativas diferem quanto as suas finalidades. As associações não possuem fins lucrativos e as cooperativas sim, sendo assim a Associação mãos que se ajudam pode ser entendida como uma “pré cooperativa”.

Durante a roda de conversas este assunto foi abordado e uma das associadas presentes afirmou:

A gente quer se tornar cooperativa e já expomos isso para eles [a diretoria], mas, falam que não, que não é bom. [...] Mas a gente quer. [...] porque como é agora sem fins lucrativos, se a gente sair hoje é com uma mão na frente e outra atrás.

O interesse das associadas para torna-se uma cooperativa reflete a preocupação quanto ao futuro, segundo elas, as mesmas querem garantir sua aposentadoria. Porque elas sabem que enquanto Associação não possui fins

lucrativos e o bem é comum a todos e se alguém sair a propriedade é repassada para o Estado. Diferentemente das cooperativas que é tudo registrado e dividido, inclusive as propriedades da cooperativa. Essa insatisfação e falta de democracia (do ponto de vista das associadas pelos membros atuantes não terem o poder de decisão) reflete-se na visão delas de Associação em contrapartida ao ideia original das cooperativas. “Assim que aparecer algo melhor ou algum emprego certo eu saí daqui” (Entrevista concedida a autora em julho de 2013). “[...] viam na cooperativa um embrião de uma nova sociedade onde as pessoas poderiam trabalhar conjuntamente, libertando-se do jugo do capital e mesclando interesses pessoais e coletivos”. (RECH, 1995, pag. 14). Conforme visto as pessoas viam na cooperativa uma forma de sair do capitalismo, na Associação tratada neste trabalho elas desejam voltar para lá. Porque dentro dessa organização social, elas não vêem os valores propostos pelo associativismo.

#### 4.3 A QUESTÃO AMBIENTAL:

De acordo com Pedrozo e Silva (1999, pag. 72), “um projeto cooperativo soma esforços e habilidades, qualifica o trabalho e, por trabalhar o princípio da cooperação, a cooperativa está em condições especiais de trabalhar o princípio da sustentabilidade”.

O conceito de sustentabilidade indica desenvolvimento econômico aliado à preservação ambiental. De acordo com Simão e Bandeira (s/d) “Os conceitos de desenvolvimento sustentável, sustentabilidade e cooperativismo possuem fortes laços de interligação”. Uma vez que a preocupação com o meio ambiente está ligada ao cooperativismo, conforme observado por Caccia, Zarelli e Gimenes (2008) as cooperativas do Paraná desenvolvem ações voltadas a conservação e preservação do meio ambiente e ainda ensinam produtores a atuar de forma ecológica e sustentável.

Na Associação Mãos Que Se Ajudam também existe a preocupação com a sustentabilidade, mas, essa consciência se restringe à diretoria.

De acordo com um membro da diretoria: “Tudo é reaproveitado. Utilizamos o coco para a cocada, o bagaço para fazer flores, bonecos e artesanato em geral, a quenga que não serve para embalar a cocada volta para o artesanato”.

Uma evidência que sustenta essa informação é outra entrevista com alguém ligado a diretoria:

“A consciência ambiental sempre houve, desde o início, pois preservar o meio ambiente é preciso. [...] A gente não desperdiça nada. Os restos do coco são reutilizados seja para fazer artesanato com a bucha, ou para revenda, e a quenga para a cocada. Outra parte do coco é para produção de detergentes e adubo orgânico”.

O panorama da diretoria diverge do dos membros quanto à questão ambiental. Pois o ponto de vista de um dos membros foi exposto na roda de conversas e apoiado pelas associadas presentes: “Questão ambiental? Deve ser porque a gente usa a quenga do coco que é lixo e o artesanato usa a bucha... acho que é por isso!”.

A sustentabilidade pode ser vista como um conjunto de ações que gerem mudanças significativas na economia aliado a preservação ambiental.

As associadas referidas neste trabalho não possuem certeza quanto à questão ambiental dentro da Associação, apenas pelo reaproveitamento da quenga do coco. Mas medidas simples como o reaproveitamento de recursos dentro da Associação geram alterações significativas no ambiente. De acordo com estudos feitos por Nunes, Santos e Santos, 2007 a quenga do coco junto com o bagaço constitui a casca e esta representa em torno de 57% do fruto. Só no Brasil são produzidos anualmente cerca de 2,29 bilhões de cascas. Ainda de acordo com esses autores:

A tecnologia de aproveitamento dos resíduos do coqueiro tem grande valor para a preservação ambiental, tanto pela utilização de matéria-prima infinita e renovável como pela redução da poluição atmosférica oriunda da queima desses resíduos e, a redução do volume de lixo depositado no meio ambiente. ( Nunes; Santos; Santos, 2007, pag.2 ).

A reutilização está intimamente ligada à reciclagem e esta à questão ambiental, pois os recursos não são desperdiçados. Para Duston (1993, *apud* Júnior; Pasqualetto, 2007 pag.4):

Reciclagem é um processo onde qualquer produto ou material que tenha sido útil e que tenha sido separado do lixo é reintroduzido no processo produtivo e transformado em um novo produto assumindo características diversas das iniciais.

Assim como foi visto no caso da Associação, onde a quenga que inicialmente ia para o lixo foi utilizada como recurso inovador e definitivo no aumento

das produções, uma vez que : “Ao final de três meses vendendo cocadas sob o sol escaldante, o grupo conseguiu arrecadar apenas R\$157; a unidade da cocada era vendida a R\$0,10”.

[...] hoje, o grupo fabrica cerca de cinco mil cocadas por mês, com 18 sabores, e fatura R\$12,5 mil mensalmente. A unidade é vendida por R\$ 2,50. A cocada na quenga passou por alterações. [e passou a ser vendida na quenga do coco]. (Sinésio, 2010)

Schenini (1999) define a produção limpa como “qualquer medida técnica tomada para diminuir, ou eliminar a produção de alguma poluição ou resíduo, além de ajudar a economizar matérias primas, recursos naturais e energia”. A utilização da quenga do coco além de constituir-se como uma forma de produção limpa foi um dos agentes causadores (uma vez que também houve mudança nas cocadas em relação ao tamanho) do aumento da produção.

#### 4.4 A ASSOCIAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DAS ASSOCIADAS

A questão ambiental tratada acima nos mostra a desinformação de alguns integrantes quanto ao tema que segundo entrevista feita a um membro da diretoria é trabalhado nas ações comunitárias com crianças. Diante disso surge um questionamento, como as mulheres trabalham um tema em ações sociais que nem elas mesmas conhecem?

A resposta foi obtida na própria entrevista a uma das diretoras: - “[...] Contamos com a ajuda de três monitores voluntários além da presidente e vice da associação”. Ou seja, os membros da associação não fazem parte das ações comunitárias, apenas a diretoria. E ainda não são informados acerca dos trabalhos, de acordo com as conversas com o grupo focal: “Para a comunidade [a associação] trouxe benefícios sim, porque tem a distribuição de cestas básicas e um trabalho com crianças[...] é o que a gente sabe, se tem outro não sabemos não”.

Quando indagadas a respeito de um estatuto, as associadas afirmaram: “O estatuto daqui só tem dever [...] a gente já pediu uma cópia para ficar aqui mas eles [a diretoria] não passam não”( resposta de uma associada na roda de conversas).

Ou seja, os princípios de transparência, não estão sendo aplicados, pelo contrário, as informações são restritas a diretoria. Esta desenvolve ações restritas também sem participação dos membros. Conforme foi visto desde a sua formação



as cooperativas prezam pela participação de seus membros. O que não é bem aplicado nesta cooperativa.

#### **4.4.1 Visão Política das Associadas**

As cooperativas podem ser entendidas como uma organização democraticamente gerida, onde as pessoas se unem para satisfazer suas necessidades econômicas, sociais e culturais. Nestas organizações não deve haver distinção de pessoas, todos os membros possuem direitos e deveres e possuem o mesmo poder de decisão, uma vez que as decisões são tomadas em conjunto por todos. – “Lá fora [para a comunidade local] nós somos as empregadas e elas[membros da diretoria] as patroas.[...] elas nunca colocaram a mão aqui para fazer uma cocada não”.(Entrevista concedida à autora em uma roda de conversas realizada em julho de 2013)

A ideia abordada na roda de conversas indica a visão política das associadas. Elas não veem a associação como uma organização onde todos possuem os mesmos direitos e deveres e que preza pelo cooperativismo, democracia, unidade e transparência.

De acordo com os princípios associativistas elaborados por Ufersa,(s/d) as associações são organizações autônomas de ajuda mútua, controladas por seus membros. Conforme visto anteriormente nos dias de sessão<sup>6</sup> (onde são tomadas as decisões) comparecem todos os 46 membros da Associação<sup>7</sup>. Dentre estes nem todos trabalham ativamente na mesma. Os “membros atuantes”<sup>8</sup>( 16 associados) são os que vivem a realidade desta e quando propõe alguma melhoria não são atendidos, porque a maioria (os 30<sup>9</sup> membros que comparecem apenas nas sessões) não convivem com a realidade da Associação e não almejam as mesmas finalidades.

De acordo com RECH, 1995, pag. 17, “[...] a cooperativa viria atenuar as características egoístas” uma vez que elas surgem como uma organização onde as decisões são tomadas coletivamente por seus membros, mas os que possuem o poder de decisão deveriam ser os membros participantes e conhecedores da

---

<sup>6</sup> As sessões são esporádicas.

<sup>7</sup> Para se tornar membro basta pagar uma taxa mensal de R\$ 5,00.

<sup>8</sup> “membros atuantes” são aqueles que trabalham freqüentemente, ou seja, no mínimo 4 vezes por semana.

<sup>9</sup> Por falta de informações não foi possível definir as razões pelas quais estes membros participam da Associação.

realidade diária da Associação. E não para os que apenas pagam uma taxa mensal. De acordo a roda de conversas com as associadas realizado em julho de 2013“[...] eles pagam a mensalidade” e por isso possuem o mesmo direito que elas. De acordo com a visão política das associadas não há democracia na gestão, pois quem decide as coisas é a maioria dos associados, os quais, não trabalham diariamente na Associação e são diretamente influenciados pela diretoria.

#### 4.4.2 Como as Associadas Veem os Projetos Sociais

A questão social ligada à assistência social pode ser entendida como um conjunto de expressões para banir as desigualdades sociais. Segundo lamamoto a expressão “questão social”:

Diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho –, das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. (2001, pag.10).

As ações e projetos sociais incluem ações para diminuir as desigualdades oriundas do sistema capitalista, tais questões se originaram a partir de ações coletivas como as cooperativas. De acordo com sétimo princípio cooperativista proposto pela Ufersa (s/d), as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades e não apenas delas mesmas (OCB). Para isso, elas devem propor benefícios para a comunidade. - “A Associação trouxe benefícios para a comunidade sim, porque distribui cestas básicas e tem o trabalho com as crianças” (entrevista concedida à autora em julho de 2013).

Dentre esses trabalhos, Lemos destaca:

“[...]existe também aulas voltadas para a educação, onde a associação se dedica a cumprir com a comunidade, como oficinas de aprendizagem para as crianças de Lucena, abordando temas educativos, para toda a família. Existem também outros programas, como o Fazendo Arte<sup>10</sup>, Cestas Básicas<sup>11</sup>, e Lanche Feliz<sup>12</sup>”. (Lemos, 2001<sup>13</sup>)

Esta informação esta de acordo com uma entrevistada:

<sup>10</sup> Oficinas de arte e artesanato na própria Associação.

<sup>11</sup> Distribuição de cestas básicas para a comunidade.

<sup>12</sup> Distribuição de lanches para a comunidade.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.fbb.org.br/reporter-social/noticias/associacao-composta-por-mulheres-donas-de-casas-assinam-convenio-com-intuito-de-ampliar-emprededor.htm>> Acessado em 22/08/2013.

A gente faz um trabalho com aproximadamente 30 crianças, tem artesanato, aula de informática, letramento, pintura, educação ambiental e etc. Contamos com a ajuda de três monitores voluntários além da presidente e vice da associação. Fora isso, tem brechó vendendo roupas e realizando conserto de roupas para a população. Distribuição de cestas básicas e diversas outras coisas que recebemos de doação. (entrevista concedida a autora em julho de 2013)

Em uma das visitas feitas a Associação, foi observado o trabalho com crianças carentes através de pinturas. Conforme visto anteriormente, as cooperativas devem trazer benefícios para a comunidade local. E realmente trouxe. Uma vez que inseriu as mulheres no mercado de trabalho, as quais estavam desempregadas gerando inclusão social e propôs melhorias significativas para a comunidade através de seus trabalhos sociais

#### **4.4.3 Questão Financeira e Trabalhista**

O propósito inicial de surgimento da associação foi a geração de emprego e renda, e isso foi adquirido banindo a exclusão social uma vez que as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho. Contudo, as cooperativas necessitam de um local físico e custeio com sua manutenção.

Quanto aos recursos para sua subsistência:

A associação sobrevive com a contribuição de cada associado, doações e uma contribuição mensal do governo municipal, o qual apóia muito a associação desde o início [...] A associação ganhou diversas doações desde o início como fogões, máquinas, terrenos, treinamentos e etc" (discurso de um membro da diretoria em uma das entrevistas).

“[a Associação sobrevive com] 10% da venda e mais R\$ 5,00 de cada Associado” (depoimento de uma associada durante a roda de conversas).

As associadas que trabalham na Associação recebem por hora trabalhada. Que segundo uma entrevistada “Chegamos 7h e saímos 21h”. Retirando uma hora de almoço que elas têm direito, isso equivale a 14 horas de trabalho. Vale ressaltar que nem todos os membros são expostos a esta carga horária excessiva, os membros da diretoria não precisam prestar contas de sua carga horária e, contudo, recebem pelo teto que segundo outra associada “nem sempre sabemos valor das rendas. [...] recebemos de acordo com as vendas e varia de R\$ 300,00; R\$ 400,00 ou até R\$ 600,00 [líquido]” (entrevista concedida à autora em julho de 2013).

Conforme uma das entrevistadas:

“Ninguém acha Justo. É muito trabalho, têm queimaduras, acidentes de trabalho. A diretoria ganha pelo teto e nós ganhamos por hora e se faltar por doença ou atraso é descontado... a gente faz ideia mas ninguém sabe ao certo quanto entrou e quanto saiu”(entrevista concedida à autora em Julho de 2013).

De acordo com Sebrae-PB(2013), o conceito de associativismo está relacionado à adoção de métodos de trabalho que estimulem a confiança, a ajuda mútua, o fortalecimento do capital humano, entre outros fatores. Mas, esse conceito não está sendo aplicado nesta Associação. Pois, ao analisarmos esta, percebemos que o discurso e teoria são contraditórios quando comparados com a prática. Porque esta é uma organização que deveria zelar pela confiança da transparência na informação, equidade e a promoção da qualidade de vida de todos os seus associados.

O discurso da solidariedade não é bem aplicado quando uma das associadas sofre um acidente de trabalho e precisa retirar do seu salário os medicamentos de que precisa, ou se mesmo doente seu salário é descontado sem considerar um atestado médico. E assim, uma organização que deveria zelar por fortalecer os laços de amizade e solidariedade (objetivos associativistas proposto pela Ufersa, (s/d) acaba sendo um dos métodos mais excludentes destes princípios.

[...] Mesmo assim é bom porque dá um dinheirinho, mesmo sendo pouco. Além do mais a gente convive umas com as outras e tem os benefícios [cestas básicas doadas a Associação e cursos propostos pelo SEBRAE-PB]. (discurso de um membro atuante da Associação durante a roda de conversas)

Esse depoimento confirma uma das entrevistas às associadas “[a nossa vida] melhorou porque a gente não tinha trabalho e agora, a gente tem o nosso [dinheiro] todo dia. [...] mas se aparecer algo melhor eu saio”. Esse discurso contradiz com o sucesso das cooperativas como visto no caso de Rochdale, isso aconteceu devido a não aplicação dos princípios cooperativistas, no caso citado acima, todos buscavam a promoção da coletividade através de ações conjuntas, como proposto nos princípios cooperativistas (UFERSA, s/d). “[...] a cooperativa viria atenuar as características egoístas e concentradoras de capital do sistema vigente. Esta foi uma das preocupações do grupo de cidadãos de Rochdale quando fundou a primeira cooperativa oficial da história moderna”. (RECH, 1995, pag. 17).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O desenvolvimento local envolve fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, que visem à transformação da realidade local. De acordo com Haveri (*apud* Buarque, 1999, pag. 10) “as comunidades procuram utilizar suas características específicas e suas qualidades superiores e se especializar nos campos em que têm uma vantagem comparativa com relação às outras regiões”. Para isso utilizam recursos abundantes em suas localidades e executam atividades inovadoras como foi visto na Associação Mãos que se Ajudam, onde a “Cocada na Kenga” se tornou um produto amplamente distribuído e comerciável. Estas mulheres inovaram propondo sustentabilidade e conservação, mesmo sem ter essa consciência, uma vez que a inovação não objetivou inicialmente a conservação.

Por trabalharem o princípio da coletividade, as cooperativas possuem condições de promover a sustentabilidade e estão aptas a desenvolver-se de modo a gerar um ambiente sadio e ecologicamente sustentável para as futuras gerações como propõe o artigo 225 da C.F. de 1988.

Com relação a sustentabilidade estas organizações sociais utilizam o capital humano como recursos para o desenvolvimento coletivo e para que esse desenvolvimento aconteça é necessário respeitar alguns princípios que conforme analisado na Associação Mãos que se Ajudam, não foram seguidos. Na estruturação e projeto as associações são modelos economicamente rentáveis e igualitários, desde que a administração seja democrática e todos sejam atuantes em todos os setores. Na prática, tal Associação expôs seus membros a longas jornadas de trabalho como no século XIX onde os trabalhadores eram explorados. Então, se seguirmos este padrão ao invés de evoluirmos socialmente em termos de propor melhor qualidade de vida para os trabalhadores, estamos retrocedendo, expondo-os a cargas horárias absurdas e péssimas condições de sobrevivência, uma vez que os salários são pequenos.

Contudo, o modelo cooperativista original que agrega promoção mútua de seus membros, transparência, honestidade, solidariedade e democracia visando o desenvolvimento da comunidade local é um modelo promissor desde que sejam respeitados os seus princípios, os quais foram abordados neste trabalho pela Ufersa (s/d). Tais princípios, não foram observados na Associação Mãos Que Se Ajudam,

uma vez que não há transparência, solidariedade e democracia, em vez disso, há desigualdade e falta de equidade distributiva entre os membros. No entanto, a mesma se inseriu dentro da comunidade local minimizando os efeitos negativos do capitalismo como pobreza, miséria e falta de educação trabalhando a questão social.

## REFERÊNCIAS:

BITENCOURT, Daniela Venceslau. **“Potencialidades e estratégias sustentáveis para o aproveitamento de rejeitos do coco (cocos nuciferal)”**. São Cristóvão.2008.

BONDAR, Gregório. **“A cultura do coqueiro no Brasil”**. Boletim da Secretária da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado da Bahia, n 50, vol. 14. Salvador, 1954.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BUARQUE, Sergio C. **Metodologia de Planejamento do desenvolvimento Local e Municipal Sustentável** - .Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal, 1999.

BURNS, Peter M.**Turismo e antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.

CARLOTTO, Ampélio e GALIOTO, Antônio. **O Cooperativismo Riograndense: a história da Cooperativa Santa Clara**. Carlos Barbosa: Pró-jornal editora, 1992.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. - **Handbook of qualitative research**. London, Sage Publication,1994. 643pag.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. In: ---. 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

IRON, J.E.O. **Cooperativismo e economia social**.São Paulo:STS,1997.343PAG.

JACOBI, Pedro. **Cidade e meio ambiente percepções e práticas em São Paulo**. 2 edção.. São Paulo: Annablume,2006.

JUNIOR, B. F. V; PASQUALETO,A. **Viabilidade Econômica, Social e Ambiental da Cooperativa de Reciclagem de Lixo – COOPREC**. Goiânia. 2007.

**Ministério do Meio Ambiente**, 2004.158 pag. 2. ed. Disponível em:  
[http://www.mma.gov.br/index.cfm?id\\_estrutura=18&id\\_conteudo=1399](http://www.mma.gov.br/index.cfm?id_estrutura=18&id_conteudo=1399). Acesso em: 04/07/2011

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. - **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed., São Paulo, Atlas, 2001. 288p

LIRA, Waleska Silveira...et al. (orgs). **Sustentabilidade: um enfoque sistêmico** . Campina Grande: EDUEP,2007.

MACEDO, Jeremias de Souza. **“Aproveitamento dos resíduos do beneficiamento de fibras de coco na obtenção de um eco-material: carbono ativado mesoporoso”**. São Cristóvão, 2005.

**Manual do Dirigente Cooperativista**. Convênio MA/SARC N 050/2000. João Pessoa, 2001

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, pag. 149-158, 1990/1991

MENDONÇA, T.C.M. **Turismo e participação comunitária: ‘Prainha do Canto Verde, a “Canoa” que não quebrou e a “Fonte” que não secou?’** Rio de Janeiro-RJ, 2004.

MILANI, C. **Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia)**. Salvador: UFBA; NPGA/NEPOL/PDGS, 2005.

MILARÉ, Edis. **Direito do Ambiente**. 4. ed., São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues. **O Associativismo na Região do Pontal do Paranapanema-SP: Limites e Possibilidades para o desenvolvimento Rural**. Presidente Prudente, 2010.

OLIVEIRA, G.B.; **Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento**. Rev. FAE, Curitiba, v.5, n.2, pag.37-48, maio/ago. 2002

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000, 120 p

PASSOS, Edson Eduardo Melo. **Morfologia do coqueiro**. In: FERREIRA, J. M. S.; WARWICK, D. R. N.; SIQUEIRA, L.A.(Ed), A cultura do coqueiro no Brasil. Aracaju-SE: EMBRAPA/CPATC, 1998.

PEDROZO, E. A. e SILVA, T. N. **Cooperativa, uma organização diferenciada rumo à sustentabilidade**. Análise, Porto Alegre: Edipucrs. v. 10 n.2 2 sem. 1999.

RECH, Daniel. **Cooperativas: uma alternativa de produção popular**. Rio de Janeiro: FASE, 1995.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; Silva, Edson Vicente da. **Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: problemática, tendências e desafios**. Fortaleza: Edições UFC, 2009

SALDÍVAR, A. et. al. **Desarrollo sustentable, municipio y participación ciudadana**. Instituto Nacional de Formación Política, México, 1997.

SCHENINI, PAG. C. **Avaliação dos padrões de competitividade à luz do desenvolvimento sustentável: o caso da Indústria Trombini Papel e Embalagens S/A em Santa Catarina – Brasil**, 1999. 223 f. Tese (Doutorado em



Engenharia da Produção) – Programa de PósGraduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999

SCHARF, Regina. **Manual de Negócios Sustentáveis**. São Paulo, Amigos da Terra, 2004.

SILVA, Christian L. da; MENDES, Judas T. Grassi (Orgs.) et al. **Reflexões sobre o desenvolvimento sustentável: agentes e interações sob a ótica multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVEIRA; Edson Damas da. **Socioambientalismo Amazônico**. Curitiba:Juruá,2008

SIRVINSKAS, Luís Paulo. **Manual de direito ambiental**. 3.ed., São Paulo: Saraiva, 2005.

TORRES, Henrique Rodrigues. **As organizações dos catadores de material reciclável: inclusão e sustentabilidade. O caso da Associação dos catadores de papel, papelão e material reaproveitável, Asmare, em Belo Horizonte, MG**.Brasília-DF, 2008.

TRIGUEIRO, André (coord.). **Meio Ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VASCONCELLOS, L.C.F. **“Saúde, trabalho e desenvolvimento sustentável: apontamentos para uma Política de Estado”**. Rio de Janeiro,2007.

WARWICK, Dulce Regina Nunes et al. **A Cultura do coco no Brasil**. Brasília: EMBRAPA,1997.

#### **Documentos colhidos em meio eletrônico:**

BONI; Valdete. QUARESMA; Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, pag. 68-80. [http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf); acessado em 19/08/2013.

ESTENDER,A.C.;PITTA;T.T.M. **O CONCEITO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/142810332/conceito-desenv-sustent> Acessado em 20/08/2013 às 05:23

FREITAS,C.G.; VILPOUX, O. F. **ASSOCIATIVISMO E ECOMONIA SOLIDÁRIA NA PRODUÇÃO DE ACEROLA NO MUNICÍPIO DE JUNQUEIRÓPOLIS – SPAG**. Disponível em: <http://sites.poli.uspag.br/p/augusto.neiva/nesol/Publicacoes/V%20Encontro/Artigos/Principios/PRI-05.pdf> acessado em 20/08/2013 às 06:36.

**GROUPEMENT NATIONAL DE LA COOPÉRATION**. Disponível em : <http://www.coopdefrance.coop/sites/CFCA/environnement/ActionsCfca/environneme nt.aspx> . Acessado em: 04/07/2011.

INSTITUTO ECOLÓGICA. **Cartilha de Associativismo e Cooperativismo**, 2007. <http://www.ecologica.org.br/index.phpag>. Acessado em 18/08/2013.

LABEGALINI, L.; BARBOSA, D. M. S. **Como o cooperativismo pode ser usado para melhorar a qualidade de vida local? Estudo de caso da CredMalhas**. Disponível em: <http://www.ead.fea.uspag.br/semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/233.pdf>, acessado em 20/08/2013

LEMOS, Denise. **Associação composta por mulheres donas de casas assinam convênio com intuito de ampliar empreendedor**. Disponível em: <https://www.fbb.org.br/reporter-social/noticias/associacao-composta-por-mulheres-donas-de-casas-assinam-convenio-com-intuito-de-ampliar-empendedor.htm>> Acessado em 22/08/2013.

NUNES, M. U. C.; SANTOS, J. R.; SANTOS, T. C. **Tecnologia para Biodegradação da Casca de Coco Seco e de Outros Resíduos do Coqueiro**. Disponível em: [http://www.cpatc.embrapa.br/publicacoes\\_2007/ct-46.pdf](http://www.cpatc.embrapa.br/publicacoes_2007/ct-46.pdf). acessado em 19/08/2013.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS- OCB. Disponível em: [http://www.ocb.org.br/site/brasil\\_cooperativo/index.asp](http://www.ocb.org.br/site/brasil_cooperativo/index.asp). Acessado em 18/08/2013.

ROSSINI, V. PAG.; MARTINELLI, D. PAG. **Visão sistêmica e desenvolvimento local: Um estudo em uma cidade de pequeno porte no interior de São Paulo**. Disponível em: <http://www.issbrasil.uspag.br/artigos/vanessa.pdf>; acessado em 18/08/2013 às 12:06.

SIMÃO; A.G. BANDEIRA; A. **O COOPERATIVISMO COMO ALTERNATIVA PARA O ATINGIMENTO DA SUSTENTABILIDADE**. Encontrado em: [http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/sustentabilidade/angelo\\_arnaldo\\_cooperativas.pdf](http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/sustentabilidade/angelo_arnaldo_cooperativas.pdf). acessado em 19/08/2013.

SINÉSIO; Valéria. **Empresa ignora críticas e faz sucesso ao usar nome "quenga" em cocadas**. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/05/21/empresa-ignora-criticas-e-faz-sucesso-ao-usar-nome-quenga-em-cocadas.jhtm>> Acessado em: 22/08/2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA. **Associativismo e cooperativismo**. Disponível em: <http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/241/Cartilha%20de%20Associativismo%20e%20Cooperativismo.PET-PROEX.pdf> acessado em 18/08/2013.

**Anexos**

## Anexo A:

**Roteiro de perguntas**  
Associação Mãos que se ajudam**I. Fundadoras:**

- Como surgiu a ideia da Associação? Qual o histórico da mesma?
- Quantos membros possuem e qual o tipo de participação dos mesmos?
- Você recebe algum benefício do governo municipal, estadual ou federal? Qual e a partir de quando?
- Como surgiu a ideia de trabalhar a quenga?
- Como a Associação analisa a questão ambiental?
- Qual a renda da cooperativa?
- Como se dá a distribuição do lucro pelas associadas?
- A Associação é vinculada a alguma outra organização?
- Existem projetos de capacitação profissional para as associadas?
- Existem projetos de alfabetização, ensino de informática ou incentivo a eventos artísticos e culturais para as associadas?
- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pela comunidade?
- Como a cooperativa vê a questão do turismo na Paraíba, qual tem sido a relação da Associação com o movimento turístico?
- Por que a cocada na quenga deu certo?
- Quais foram as principais ações já alcançadas?
- O que você acha que poderia ser feito para o desenvolvimento da cooperativa?
- Vocês exportam para algum outro lugar? Qual?
- Você percebe alguma diferença no desenvolvimento da localidade entre antes e depois do surgimento da cooperativa? Quais?
- Como se dá a administração da cooperativa?
- Vocês fazem planejamentos? Se sim de que tipo?
- Como se dá a tomada de decisões há participação de todos os associados?
- Como se dá essa participação?
- A Associação observa a questão ambiental nas suas atividades, de que forma?

## Anexo B

**Roteiro de perguntas**  
Associação Mãos que se ajudam

**II. Associada:**

- Quando entrou na cooperativa e porque?
- Quais eram suas perspectivas, ou seja, como imaginava que a Associação?
- Ela atendeu suas expectativas?
- Qual o seu grau de instrução?
- Como é a sua relação com a Associação? E com a diretoria?
- Quais os seus planos para o futuro em relação a ela?
- Possui outra profissão?
- Gostaria de mudar de profissão?
- Exerce outro trabalho remunerado?
- Existe outra fonte de renda no lar?
- Condição de moradia? Casa própria?
- Como você vê a questão ambiental? Tem alguma relação com a Associação?
- Destino do lixo na sua casa?
- Já ganhou algum curso ou benefício do governo ou algum outro órgão pela Associação?
- Quantos dias e horas você trabalha por semana?
- Você percebe alguma diferença no desenvolvimento da localidade entre antes e depois do surgimento da cooperativa? Quais?
- O que as associadas ganham pelo trabalho é condizente pelo trabalho realizado? Se não, por quê?
- Qual o interesse das pessoas participarem do trabalho. Todos participam da mesma forma?
- Você acha justa a divisão de rendas dentro da Associação?
- Quais os principais problemas da Associação hoje?
- Você participa da discussão e encaminhamento das decisões na Associação?
- Se sim, de que forma você participa?
- A Associação leva em consideração a questão ambiental em suas ações? De que forma?

## Anexo C

**Roteiro de perguntas**  
Associação Mãos que se ajudam

**III. Moradores de Lucena**

- Como você vê a Associação?
- Como a conheceu?
- Você percebe alguma diferença no desenvolvimento da localidade entre antes e depois do surgimento da cooperativa? Quais?
- Quais os benefícios a Associação oferece para você e sua família?